

Diálogos conduzem narrativa de Luiz Vilela

Em A Cabeça, diálogos rápidos e limpos de excessos sintetizam contextos pela brevidade e silêncio, tendo a tensão sexual como um de seus temas centrais

A Cabeça, do mineiro Luiz Vilela, exige que se volte, pelo menos, a citar um traço característico do autor, que é a força dos diálogos na condução das narrativas. Os diálogos de Vilela são rápidos e limpos de excessos, capazes de sintetizar contextos pela brevidade e silêncio. Um exemplo concreto: em Más Notícias, ao final de uma campanha eleitoral, um caminhão de bóias-frias tomba, colocando em risco a candidatura de seu proprietário. Discutindo o que fazer, mulher, correligionários e candidatos se responsabilizam uns aos outros e procuram soluções:

"Eles já estão sabendo?", Maca me pergunta.

‘Eles? ...’

‘O pessoal de lá.’

‘Com certeza.’”

De fala em fala, os contextos vão se formando, sem muito espaço para entrechos que não sejam também ações, físicas ou mentais. Mas que situações Vilela leva à literatura? De onde vêm as tensões que originam seus diálogos e suas questões?

O primeiro conto, Mosca Morta, apenas insinua um dos temas centrais do livro: a tensão sexual. Há uma oposição entre dois conterrâneos que se encontram num bar depois de um longo tempo. Um estraga o prazer do outro, com recordações impertinentes que decorrem de sua simples presença. De forma mais explícita, o sexo domina os contos Calor, Suzy e Freiras em Férias. Nos dois primeiros, no fetiche não-realizado de homens mais velhos por meninas adolescentes; no último, na transgressão religiosa.

É possível ainda perceber uma segunda grande categoria: os contos de tensão social: Luxo, por exemplo, coloca duas pessoas discutindo o tamanho de um banheiro de empregadas num apartamento. Além da ideologia que exclui os interesses da futura empregada quando o assunto é conforto, há ainda a natural oposição entre chefe e subordinado, entre os desejos e posições dos patrões e dos funcionários — assim como a empregada não tem espaço, o empregado, exercendo uma função intelectual, é também submetido a um constrangimento: o de planejar o desconforto alheio. Há, portanto, uma profundidade especial neste conto, em que engenheiro (arquiteto?) assalariado e futura empregada se aproximam, ainda que o primeiro esteja apenas representando um problema futuro para a segunda, ainda apenas uma abstração. Também fazem parte desse grupo Más Notícias, Rua da Amargura (em que os irmãos discutem sobre o direito e a necessidade de extrair os dentes de ouro do pai em coma) e A Cabeça, que dá nome ao livro e que tem como personagem central uma cabeça arrancada do corpo. Por fim, há um conto sobre a impaciência de um homem com crianças, Catástrofe.

Como costuma ocorrer com os bons contistas, é o cotidiano que cria o cenário dos textos de Vilela, um cotidiano sobretudo urbano e ligado ao imaginário da classe média. Mas um cotidiano também contaminado pela fricção social, expressa pela violência do caminhão que vira e pela cabeça cortada no meio da rua. Vilela, assim, mostra-se um contista absolutamente contemporâneo, revelador de recalques, temores e truculências que assustam e paralisam o nosso tempo — um tempo que parece não ter passado e que não se permite nenhum futuro.

Como, então, ler contos mais antigos de Luiz Vilela? Há uma oportunidade na praça, a reedição de *Contos*, lançado originalmente pela Lê, uma editora de Belo Horizonte, em 1986.

O primeiro conto, *Por Toda a Vida*, logo de cara mostra que os tempos são outros. A monotonia dos casamentos pode até continuar a ser uma verdade que oprime a muitos, bem como pode continuar a existir o discurso da mãe da noiva — de que o rapaz é pobre e "que sem dinheiro ninguém vale nada hoje". O que se estranha é que isso faça parte de um discurso literário. O conto, na verdade, parece ter envelhecido: até porque a situação econômica do País e a instabilidade do mundo cresceram num tal ritmo que mesmo a "riqueza", para uma moça pobre, está num patamar muito alto, distante demais do casamento "romântico" para que aquele diálogo entre mãe e filha soe impossível. Em *Avô*, a tensão é a da apresentação, a uma criança, da morte. É um conto relacionado à memória, à forma como uma criança encara o fim da vida de um parente que lhe dispensa carinhos, mas também provoca repulsa. Um texto que idealiza menos a infância, até porque não pretende usá-la como instrumento de resistência.

O melhor conto dessa coletânea — e que não perdeu nenhuma força com o passar do tempo — é, sem dúvida, *Bichinho Engraçado*. Nele, durante uma pescaria, o protagonista "pesca" um cágado. Incapaz de matá-lo como fazem seus amigos, passando um canivete no pescoço do animal ("não era só um meio de se livrar deles; era também uma espécie de vingança, por causa das iscas que os cágados comiam"), ele decide levá-lo para casa. Encontra, então, a oposição da mulher e tenta de várias formas "adaptá-lo" à vida urbana. Primeiro, em casa, colocando-o para nadar no tanque, escondido da companheira. Depois, no lago da praça. Até que desiste dele. A humanização do animal é tamanha que, se no início, Vilela parece estar falando dos assassinatos banais, no final, lembra o discurso sobre as crianças de rua e os migrantes que não se adaptam às grandes cidades. O conto, assim, transcende em muito seu próprio enredo, portanto pronta para transcender o tempo.

A Cabeça. Cosac & Naify, 134 páginas, R\$ 18. *Contos*. Editora Nankin, 80 páginas, R\$18,50. *Coletâneas de contos de Luiz Vilela*.